

MAIS DEVAGAR, VOCÊ NÃO ESTÁ OLHANDO: o audiovisual como uma experiência de escuta

Roselete Fagundes de Aviz de Souza¹

É o olhar que decide se algo foi visto.

Wim Wenders

1 INTRODUÇÃO

Ao som da abertura – a canção *Fico Assim sem Você*, de Adriana Calcanhoto –, aparece a primeira cena: o jardim e a fachada principal da escola. Nas cenas seguintes, imagens que se movimentam vagarosamente, para que as crianças possam escolher como montar o filme com as imagens que elas mesmas captaram. Na impossibilidade de demonstrar, neste texto, cenas de todo o trabalho, registramos, a seguir, apenas um fragmento da edição da produção do audiovisual *Adorável Escola*, realizado pelo terceiro ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Anaburgo, em Joinville (SC), no ano de 2009.

Em relação à produção audiovisual na escola, procurou-se possibilitar, aos participantes, a apropriação desta linguagem de uma forma lúdica e descontraída. Partimos da hipótese de que os registros realizados pelas crianças e adolescentes são momentos de construção coletiva, permeados pela produção de novos sentidos. Através da manipulação da câmera não se aprende apenas destreza técnica, mas novas formas de produzir sentido. O vídeo possui de maneira inerente um aspecto de grande conotação psicológica: ele promove a oportunidade de ser utilizado como espelho (FERRÉS, 1996), tornando possível a contemplação e a conseqüente reflexão

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora do Núcleo de Infância, Comunicação, Arte e Cultura – NICA/UFSC. E-mail: roseaviz@yahoo.com.br

sobre o próprio comportamento, seu corpo, sua voz, seus gestos, enfim, sobre a sua imagem distanciada de si mesmo.

Partiu-se das considerações que permitiram trabalhar com um projeto de mídia-educação, em que se procurou analisar o processo da produção audiovisual pelas crianças, com a finalidade de potencializar a compreensão da ferramenta do vídeo, no âmbito dos chamados aspectos-chave da mídia-educação, a partir da necessidade de produção de um consenso entre diferentes concepções sobre o tema e suas relações com a educação. O pesquisador inglês David Buckingham (2003) resume os aspectos-chave da mídia-educação em quatro conceitos: *produção, linguagem, representação e audiência*. “Estes conceitos proporcionam um corpo teórico que pode ser aplicado a toda gama de mídias contemporâneas” (BUCKINGHAM; 2003, p. 26).

Neste trabalho, ocupamo-nos dos conceitos de voz e escuta para refletir sobre a necessidade da alfabetização e letramento em novas mídias, a partir de uma experiência de produção de um audiovisual na escola. Trata-se de um trabalho de linguagem, uma vez que as mídias e as tecnologias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas também participam como elementos relevantes da nossa prática sociocultural na produção e socialização de conhecimentos e na construção de significados da nossa inteligibilidade do mundo (FANTIM, 2009).

A hipótese que deve guiar nossa proposta analítica é a de que a compreensão do audiovisual na escola, como parte da relação entre cinema² e educação, possibilita conhecer, refletir, fruir e produzir, porque o papel do expectador de filmes pode ser ampliado.

² Segundo Fantin (2009), muitas experiências que fazem do audiovisual um objeto de estudo no contexto escolar enquadram-se na abordagem *educação para o cinema* e envolvem o ensino da linguagem cinematográfica, sua gramática e sintaxe, que foi muito influenciado pela semiótica. A autora traz para sua reflexão os argumentos de Rivoltella (2005) quando enfatiza que o estudo da gramática e da sintaxe fílmica pode ser pensado como momento preliminar da leitura crítica do filme. Outra possibilidade, dentro dessa abordagem, defendida pelo autor, é a de “fazer filmes” em vez de promover a leitura crítica do filme, pois “favorece uma abordagem criativa dos sujeitos na sua realização” (RIVOLTELLA, 2005, p. 80).

Longe de mero expectador, o sentido da análise, interpretação e produção podem significar uma experiência de fruição, participação estética, autoria.

Nessa ótica, a mediação educativa estaria valendo-se da possibilidade de vocalização de uma escrita, a escrita do audiovisual, fazendo uso da linguagem, não como lugar que se afasta do corpo, mas antes como espaço em que a voz pode ser corpo. Se a voz que opera na produção material de um vídeo pode ser escutada como “uma coisa” (ZUMTHOR, 2000, p. 99)³, então, mediante a *performance*⁴ vocal que aplicou à essa escritura, o realizador faz-nos perceber sua expressão vocal, ao mostrar que a linguagem e o sujeito que dela deriva têm o corpo como condição irreduzível em sua poética: um trabalho especial de escuta.

2 EDIÇÃO: CENAS DE ESCUTAS POSSÍVEIS

Pesquisador: Nós vamos iniciar agora o trabalho de edição. Vocês vão escolher o que querem deixar e o que querem cortar da filmagem que vocês fizeram. Aí vocês vão falando pra mim, agora eu quero que corte, ah, agora a gente quer que coloque o título. Aí, eu vou colocando aqui e vocês vão conferindo. Tá bom? O que vocês acham?

Vinícius: Legal.

Beatriz: Antes disso aí tem que colocar “A Escola do Bairro Vila Nova”.

Pesquisador: A Escola do Bairro Vila Nova. Era isso que a gente iria fazer, o título, né? **Pesquisador:** E a gente já escolheu o título?

Crianças em coro: Não.

Pesquisador: Faltava escolher, né?

Beatriz: Primeiro, lá no comecinho, tem de colocar assim: “Uma das Escolas do Bairro Vila Nova”! Aí depois colocar, escolher ali [apontando para as imagens na tela da TV].

Pesquisadora: Mas será que “Uma das Escolas do Bairro Vila Nova” é um título que chama a atenção? É?

³ Designação dada por Paul Zumthor ao argumentar que por sua plena materialidade, seus traços descritíveis e, como todo traço real, interpretável, a voz é uma coisa (ZUMTHOR, 2000, p. 99).

⁴ No sentido apontado por Paul Zumthor (2005, p 70), a *performance* é virtualmente um ato teatral, em que se integram todos os elementos visuais, auditivos e táteis, que constituem a presença de um corpo e as circunstâncias nas quais ele existe.

Só pensem um pouquinho... Se vocês olhassem qualquer coisa com esse título vocês teriam curiosidade de ver?

Crianças: Sim, não.

Pesquisadora: Eu acho que vocês criaram naquele dia uma lista de títulos e apareceram alguns títulos bem interessantes... Quem está lembrado?

Lucas: Eu criei: Todo Mundo Gosta Daqui.

Pesquisadora: Isto! Todo Mundo Gosta Daqui. Lembro!

Professora da Classe: Tinha um que era assim: Aqui é Legal.

Pesquisadora: Quem lembra de mais algum?

Marcelo: Aqui Nós Aprendemos Muito.

Alice: A Escola mais Linda do País.

Beatriz: Ai nada a ver!

Pesquisadora: Não, tudo a ver também, né? Nós combinamos que todos poderiam falar, lembram? Então a opinião do outro também é importante. Beatriz parece não estar muito contente, não gosta de ser contrariada.

Pesquisadora: Então, o que que vocês acham? Qual título ficaria mais interessante?

Leandro: Aquele um lá do...

Professora da classe: cada um fala, cada um lembra do seu...

Beatriz: [virando-se para a pesquisadora] Profe, sabe o que eu tô falando. É assim ó, primeiro abre o texto pra colocar aquilo que eu falei da escola, aí aquilo que a prô colocou no caderninho, depois colocar um daquele dali.

Pesquisadora: Sim, eu entendo o que você está falando e é isso que eu estou questionando, será que ficaria interessante?

Professora da Classe: Essa é a tua opinião, mas temos de ouvir a de todos. [Sabendo do desejo da menina que sua sugestão de título fosse escolhida].

Beatriz: [dirigindo-se aos colegas] A prô tá perguntando pra vocês se ficaria interessante "Uma das Escolas do Bairro Vila Nova".

Pesquisador: E se a gente fizesse uma votação?

Professora da classe: Eles não estão lembrando, eu acho.

Pesquisador: E se a gente pegasse a listinha e lesse?

Pesquisadora: Eu vou lá pegar a lista. E a gente colocará em votação.

Pesquisador: Vocês querem ir assistindo as imagens enquanto isso?

Crianças em coro: Sim!

Pesquisador: Então. Eu coloquei aqui, já mais ou menos na sequência como a gente pensou, mas eu não sei se está certo. Eu não tenho certeza. Eu não tinha a listinha da ordem das imagens comigo quando eu fiz. Então, conforme a gente for vendo a gente confere na listinha pra ver se é essa sequência mesmo.

Paulo: O caminhão tá feio!

Pesquisador: Mas aí a gente corta as piores partes e deixa só as melhores.

Vinícius: É, o meu não ficou legal aquela parte que eu aproximei muito [referindo-se a uma das imagens que ele mesmo havia capturado]

Pesquisador: Você aproximou muito... Aí a gente corta essa partezinha, tá?

Vinícius: Sim.

Lucas: Tem que cortar porque é uma tesoura [e faz o gesto com as mãos].

Pesquisador: É. A gente corta com uma tesoura, aqui, tlá!

Vinícius: Coloca a tesoura no lado daí da pra cortar.

Pesquisador: É. Aqui já tem uma tesourinha eletrônica.

Vinícius: [levanta-se para se colocar na frente do notebook para ver a tesoura eletrônica]

Pesquisador: Oh, pessoal, aqui começaria o filme, tá? Mais ou menos aqui nessa imagem. O que vocês acham de a gente começar aqui?

Beatriz: [antes de o pesquisador terminar a pergunta] Corta aquela partezinha que está assim [faz o gesto com as mãos].

Pesquisador: Pode cortar o comecinho? Então vamos começar, já estamos editando, hein? Muito legal! Então vou cortar aqui, ó, pronto.

Beatriz: O professor...

Pesquisador: Então, ó, essa vai ser a primeira imagem do nosso vídeo, tá? A gente pode agora escolher em que lugar, em que momento a gente vai colocar o título, tá?

Beatriz: a gente tinha que bater a foto da escola!

Pesquisador: Oi?

Beatriz: A foto da escola. Tinha que bater a foto!

Pesquisador: Ah, aquilo foi ideia minha, mas depois eu pensei que eu acho que não precisa, não. A gente pode começar daqui mesmo, o que que vocês acham? Está bem legal, né? É que aqui já é a frente da escola também. O que que vocês acham?

Lucas: Passou um caminhão [fala olhando para a tela da TV].

Algumas crianças: ahã.

Jennifer: Bem barulhento.

Pesquisador: Se tiver alguma parte daqui que vocês queiram tirar a gente pode tirar.

Beatriz: Ô, profe...

Pesquisador: Acho que mais ou menos aqui, um pouquinho antes já podia ter aparecido o título, né? O que que vocês acham?

Vinícius: É.

Beatriz: Ô professor não vai ter esse barulhinho, a gente vai ter a música, né?

Pesquisador: Isso. A gente vai pôr a música, exatamente. Agente já escolheu a música? Crianças: sim! [respondem em coro]

Pesquisador: Qual que é a música?

Beatriz: A minha é: avião sem asa... [fala cantando].

Érick: A minha já escolhi [fala com a mão levantada].

Jennifer: A minha é a bailarina. E começa um pequeno agito.

Pesquisador: Tá, mas vamos um de cada vez. Agora é a vez da Ana, né?

Ana: A minha é a do Sítio do Picapau Amarelo.

Pesquisador: E você trouxe o cedezinho pra gente?

Ana: Está com a professora!

Beatriz: A prô tem!

Vinícius: [aproveitando que está bem perto do pesquisador] A minha é assim, ó. E começa a cantar para ele: “Mamão mamonzeira, abacate abacateira”.

[Reiniciam um pequeno agito...]

Pesquisadora: Então, vamos fazer o seguinte? Um de cada vez para que a gente possa pensar com qual combina então, né? Vamos pensar?

Professora da classe: Tem que combinar com a imagem, né?

Pesquisador: Isso.

Professora da classe: Ei, pessoal! Aquela música que foi mais votada: “Fico Assim Sem Você”, da Adriana Calcanhoto, combina?

Jennifer: A da Beatriz...

[A alegria faz recomeçar o agito...]

Pesquisadora: Vamos pensar, qual foi a pergunta que a professora fez mesmo?

[Agora, elas ficam em silêncio...]

Pesquisadora: Qual foi a pergunta que a professora Marlene fez?

Vinícius: Qual foi a mais votada.

Professora da classe: Se ela combina, se está adequada com a imagem.

Leandro: Profe, combina por causa que tem carro ali, o carro passa ali, ó [faz gestos com as mãos] Avião sem asas pode ser ali...

Lucas: É por causa que tem carro...

Professora da classe: Com essa imagem? É? Então pode ser.

[A professora entrega o Cd ao pesquisador].

Pesquisador: Agora, gente, peguei o Cd, a professora me passou o Cd, eu vou pegar o Cd aqui dentro, vou passar a música pra MP3, pra um arquivo que eu possa abrir aqui.

Vinícius: Pro MP3 do computador.

Pesquisador: Isso.

Lucas: No meu computador também da!

Vinícius: Todo computador da.

Lucas: Balança a cabeça negativamente discordando e diz: tem uns que não da.

Pesquisador: Vai demorar dois minutinhos. Enquanto isso a gente podia ir escolhendo um nome, o título do vídeo. O que que vocês acham?

Professora da classe: Vão pensando e vão lembrando aquele que vocês falaram naquele dia, tá?

[Começam os comentários entre as crianças...]

Professora da classe: Façam silêncio, agora, deixem o amiguinho pensar.

Pesquisadora: Eu vou ler os títulos que eu anotei no meu caderninho naquele dia, lembram? Já vou dizer quais são os títulos, tá?

[Começa um novo agito porque a Jennifer fala que quer mudar o título...]

Professora da classe: Ô, Jennifer, da licença, agora não da mais pra mudar! Ouvindo agora.

Pesquisadora: Atenção: A Escola Legal, Super Escola, A Nossa Escola, Estude Aqui, Boa Escola, Escola da

Criança, Um Lugar Especial, Nem que a Vaca Tussa.

Crianças: Ahahahaha. E olham para a Jennifer que ri também e diz: “É o meu esse”.

Pesquisadora continuando a leitura: Aqui é Bom, Estudar é Importante, Adoro Aqui, Um Lugar Legal, Não Pare de Estudar, O Local Onde Aprendemos, Um Lugar Para Aprender, Matricule seu Filho Aqui, Todo Mundo quer Estudar Aqui, Venha Estudar Aqui e Adorável Escola. Beatriz: Adorável Escola.

Crianças em coro repetem: Adorável Escola.

Pesquisadora: Só para lembrar que o título que vocês selecionaram é o da Jaqueline, né?

Leandro repete: Adorável Escola.⁵ [...]

3 “HEI! FAZ UMA PANORÂMICA!⁶: ESTRATÉGIAS

Esta experiência talvez pudesse ser designada como a permanência de uma temporalidade das vozes de algumas crianças⁷ da escola anteriormente referida. A proposta era deixar que falassem, escrevessem, filmassem, expressando por si suas ideias sobre o mundo e seus sentimentos. Para isso, o trabalho foi constituído em algumas etapas designadas como oficinas cujo enfoque foi: a) improvisação - interpretações diante da câmera; b) poética da criação: reconhecendo a linguagem audiovisual; pesquisa sobre o que iria ser filmado; c) criação de roteiro e divisão de tarefas no grupo; d) produção das imagens; e, por último, e) as etapas de pós-produção: *decoupage*, edição, montagem e acabamento.

É importante lembrar também que quase todas essas etapas são sugeridas pela mídia-educação⁸.

Primeiro. Módulo: Pré-Produção

⁵ Este trecho é a transcrição de um fragmento do vídeo *Edição I*, no qual registramos todo o processo de edição do vídeo *Adorável Escola*, realizado com as crianças.

⁶ Fala de um aluno, retirada de um dos registros da gravação em audiovisual, de 25/11/2009.

⁷ Crianças da 2ª série (3º ano do Ensino Fundamental) acompanhadas de sua professora.

⁸ Abordagem de leitura crítica e reflexiva sobre as mídias, bem como seu uso instrumental (FANTIN, 2006, p. 34). Esta autora define três principais tipos de mídia-educação: educar para, com e através dos meios.

No primeiro módulo, realizado em sala de aula, focamos os exercícios de improvisação – interpretações diante da câmera – e questões relativas à tecnologia. Nessa fase do trabalho, seguimos os seguintes passos:

Aquecimento do grupo: O aquecimento pode ser voltado à sensibilização da percepção visual. Os participantes formam uma roda, alguém é incumbido de iniciar um movimento qualquer, os outros devem tentar acompanhar o movimento do colega no formato de um espelho coletivo, segue-se alternando o responsável por puxar o movimento.

Descrição dos planos e movimentos de câmera: Antes de iniciarmos o trabalho com a câmera, é importante fazer uma descrição dos movimentos de câmera e planos mais utilizados, como o *close*, o plano médio, o plano americano e aberto, e alguns movimentos de câmera básicos, como a panorâmica horizontal e vertical, passeio lateral e aproximação com o *zoom*.

Trabalho com a câmera: É importante, aqui, ressaltar todos os cuidados que devemos ter com o aparelho, com a lente e com as fitas. Em seguida, deixamos os participantes exercitarem os planos e os movimentos que foram explicados. É interessante deixá-los à vontade para registrar o seu entorno da forma como eles o percebem.

Depois dessa etapa, passamos para o reconhecimento da linguagem audiovisual. Rememorar cenas de filmes e brincar com a câmera para criar imagens, ainda em sala de aula, foram momentos para conversas significativas. Nessa etapa, procuramos abordar os aspectos-chave da mídia-educação, especialmente o aspecto da agência e da produção, buscando caracterizar os principais elementos culturais da comunidade de Anaburgo, no bairro Vila Nova. Esses aspectos foram problematizados, enquanto questionávamos as crianças: Para quem vocês querem mostrar esse

vídeo? (Audiência). Como podemos adequar o discurso para este público? (Linguagem). Quais traços da cultura da escola deverão ser destacados? (Representação). Como vocês querem ser identificados enquanto autores (Agência).

A partir dessas questões, abordamos os aspectos-chave da mídia-educação para que eles pudessem visualizá-los de uma maneira aplicada à elaboração de um texto audiovisual. Assim, esperávamos levar aos participantes alguma conscientização a respeito da complexidade de elementos presentes nas obras audiovisuais que eles costumam assistir, partindo do princípio de que a produção de mídia e a leitura crítica dos meios caminham lado a lado.

Segundo. Módulo: Produção

Em função do tempo que tínhamos disponível, não pudemos permitir que a produção da categorização do vídeo fosse construída durante o processo. Nesse sentido, desde as primeiras conversas com os estudantes, ficou combinado que o nosso propósito era o de produzir vídeos, atribuindo-lhes a categoria de documentário. Sendo assim, a linguagem narrativa seria predominante. Nossas reflexões sobre as características do gênero documentário levaram os estudantes, ainda nos momentos de improvisação, a falarem dos seus interesses. As crianças do 3º ano queriam falar de sua escola. Na hora da criação do roteiro, o tema se tornou central. Conscientes, então, de que alguns trabalhariam com a entrevista, o desafio era pensar como fazer para que as pessoas se sentissem à vontade para contar o que eles gostariam de saber. A câmera que melhor se encaixava nas mãos das crianças era a mais utilizada por elas. Manuseavam o *zoom*, colocavam as mãos na frente das lentes, tremiam e gradativamente dominavam os movimentos. Aos poucos, a cena do jardim, no lugar do parquinho que não mais existe, a

praça de leitura, as curiosidades sobre a diretora, dentre outras, iam ganhando voz. E foi assim que chegamos à edição.

Terceiro. Módulo: Pós-produção: edição e acabamento

Esse terceiro módulo foi vivenciado especialmente pela turma do 3º ano. Além de ser uma turma composta apenas por dezesseis crianças, as filmagens entre os muros da escola facilitaram a passagem por todos os processos até a edição do vídeo. Com essa turma, passamos longos períodos (decupando) e editando. Registramos todo esse processo para que pudéssemos analisar posteriormente. A simplicidade do roteiro e da captação das imagens realizadas pelas crianças pequenas acelerou o nosso trabalho, permitindo que dispuséssemos de um pouco mais de tempo para realizar a edição junto com elas.

Durante a captação das imagens, decidiu-se que cada criança registraria seu lugar preferido na escola. Elaboramos um pequeno roteiro, ainda em sala de aula, com a sequência que cada um registraria, e solicitamos que nos dessem uma sugestão de áudio (música, narração ou poesia). Enquanto explicávamos que, no dia da edição, elas poderiam trazer os CDs com as músicas escolhidas, comentamos que, caso quisessem fazer uma narração, nós poderíamos gravar com a câmera de vídeo e depois passaríamos só o áudio para o computador. Nesse momento, uma das meninas levantou a mão e perguntou a um dos pesquisadores da nossa equipe: “Professor, o computador do senhor tem *bluetooth*?”⁹. Um pouco constrangido, o pesquisador respondeu que tinha sim, mas que ainda não sabia usar direito. Ela comentou: “Que pena, se não eu poderia fazer a narração pelo gravador de voz do meu celular e passar para o computador do senhor via *bluetooth*.” Lamentamos que ninguém tenha registrado a expressão de espanto do pesquisador!

⁹ Tecnologia de transmissão de dados via *wireless*, sem fio.

A dinâmica da edição em grupo foi bem simples. Primeiramente, mostramos a elas como se transmitiam as imagens da câmera para o computador. Não foi de surpreender que para as crianças o processo não fosse novidade nenhuma, e muitas comentaram que já faziam isso em casa, com as máquinas fotográficas e os celulares dos pais. Em seguida, descarregamos as imagens em um computador portátil. Com o *software* de edição aberto, conectamos o computador a uma televisão, para que todos do grupo pudessem monitorar a manipulação das imagens e conferir como estava ficando a sequência.

Essa dinâmica requer a presença de um coordenador que possua habilidades mínimas para manipular imagens digitais através de um *software* de edição qualquer. A participação das crianças se deu através de indicações de como queriam ver a sequência de imagens, quais seriam os cortes, as músicas, os efeitos, as transições, etc., enquanto o coordenador executava as funções no computador, permitindo que eles assistissem, em tempo real, à montagem do vídeo. Assim, puderam se familiarizar com as funções do *software*, conhecer os conceitos, ferramentas e técnicas de edição e tomar consciência de como se dá a montagem propriamente dita de um texto audiovisual. Dessa forma se deu a elaboração do vídeo *Adorável Escola*.

4 CONSIDERAÇÕES: IMAGINANDO OUTRAS ESCUTAS

Ao focarmos a escuta das crianças podemos perceber como elas participam nos processos sociais. Cuidando da escola e do que acontece em seu entorno, exercem uma agência significativa e, desta forma, fazem parte da vida escolar e social. Durante todo o tempo em que as crianças participavam da pesquisa, falando, escrevendo, desenhando, filmando ou fotografando, elas sentiam

que contribuíaam não só com o trabalho dos pesquisadores, mas também com a própria escola, da qual elas sentiam pertencer.

Nesta experiência, os Cadernos de Viagem se apresentam como escuta: uma escuta movente que pode mostrar modos de ser que se desdobram do/no corpo, voz e palavra, compondo espécies de sinfonias de ruídos, sons, silêncios, ritmos, andamentos, acontecimentos e interpretações. E se a experiência com a produção do audiovisual na escola constitui-se um trabalho de linguagem é justamente porque existe uma escuta, que emerge do que há na voz como elemento imanente ao corpo e potencial da linguagem.

Em se tratando da experiência com vídeo na escola, a oficina de audiovisual configura-se como uma possibilidade de aproximação de estudantes-professores do universo da produção do audiovisual. Nesse horizonte, e levando em conta os recursos digitais em áudio presentes nas novas tecnologias, nos interessa especificamente perguntar: não seria essa uma maneira de pensar sobre o que é a escuta? Não poderia ser essa uma escuta da significância, como Roland Barthes (2009) nos convida a pensar? Escuta que, diferente do significado, caracteriza-se pela cintilação dos significantes, incessantemente introduzidos na corrida de uma escuta que produz ininterruptamente novos significantes, sem nunca parar o sentido? Como refletir a experiência para além do que se apresenta?

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **O Óbvio e o Obtuso**. Trad. Isabel Pascoal. Lisboa: Edições 70, 2009.

BUCKINGHAM, D. **Media Education** – Literacy, learning and contemporary culture. London: Polity Press 2003.

FANTIN, M. **Crianças, cinema e mídia-educação: olhares e experiências no Brasil e na Itália**. Florianópolis, 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

_____. A escola e a cultura digital. **Anais** do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM. Curitiba, 2009.

FERRÉS, J. **Vídeo e Educação**. Trad. J. A. Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

RIVOLTELLA, P. C. **Media Education, Fondamenti didattici e prospettive di ricerca**. Brescia: La Scuola, 2005.

ZUMTHOR, P. **A Letra e a Voz**. Trad. Amalio Pinheiro, Jerusa P. Ferreira e Sonia Queroz. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. **Escritura e Nomadismo**. Trad. Jerusa P. Ferreira e Sonia Queroz. Paulo: Ateliê, 2000.

Recebido em 26/09/2012

Aprovado em 16/11/2012